

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Instituição da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V — Número 11.597

Domingo, 10 de Fevereiro de 1924

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officinas de Impressão — Rua de Aталга, 114 e 115

Os grevistas de Cezimbra devem ser coadjuvados na sua luta. Recolher os seus filhos é dar-lhes uma grande garantia do triunfo da sua causa

## OS GOVERNANTES GRITAM CONSTANTEMENTE:

# E' preciso aumentar a produção do país! Os serviços públicos estão num verdadeiro caos! Temos de acabar com a imoralidade do funcionalismo!

E a despeito de tanto apêlo de regeneração nacional...

O sr. Mário de Azevedo Gomes, actual ministro da Agricultura, consegue ocupar «apenas» estes lugares públicos: Director geral de Ensino e Fomento, pelo qual percebe o respectivo vencimento, presidente da Junta de Fomento (instituição que serve para socorrer a alta lavoura), professor do Instituto de Agronomia e director da Estação Agrária Central.

E' curioso que, devendo o sr. Mário de Azevedo Gomes exercer, das 11 às 17 horas, o seu lugar de direc-

tor geral de Ensino e Fomento, ainda tenha tempo para cumprir as suas obrigações em tantos outros lugares. Destes lugares recebe várias gratificações, o que lhe dá bastantes vantagens pessoais. E os serviços de Estado não ficam prejudicados?

A moralidade não deve vir de cima?

Mais uma «pequena» imoralidade: O sr. Formosinho Bentes, agrônomo, pertence aos serviços de fis-

calização de moagens e padarias. Devia ser uma pessoa de absoluta confiança do Estado, que pudesse fiscalizar sem paizões os actos das moagens que roubam o Estado e o povo. Pois não acontece assim. O sr. Formosinho Bentes tem interesses ligados à Fábrica de Moagem «Esperança» — o que nos dá a esperança de que por muito que a referida moagem roube o Estado nunca este o saberá.

Isto de se ser adido ainda não é

tam mau como parece. Aí temos, por exemplo, o sr. Pereira Gonçalves que passou a director geral «adido» dos extintos serviços fisiográficos, sem que isso o ralasse muito. Esse «zeloso» funcionário é dirigente da Fábrica de Moagem Vila Franca e Bonfim. Não sabemos, pois, em qual das situações é mais prejudicial ao Estado: se na de adido, ganhando sem produzir, se exercendo o seu lugar — talvez de acordo com a Moagem... E por hoje, basta.

## E andam o povo e os bons funcionários a trabalhar para esta gente!

## A ATITUDE DO PESSOAL DO SUL E SUESTE

Anunciámos ontem que os ferroviários do Sul e Sueste se agitaram mais uma vez contra a atitude tomada pela Administração Geral dos Caminhos de Ferro do Estado e que a sua agitação iria provavelmente tomar o aspecto de um conflito.

Na reunião magna que tem lugar depois de amanhã, serão debatidas as questões que motivam essa agitação e que se resumem em três — a situação económica; a recondução aos respectivos serviços, dos ferroviários atingidos pelas vitórias dos dirigentes, pelo motivo do movimento de 3 de Outubro do ano findo e a alienação dos Caminhos de Ferro a uma empresa particular.

O pessoal prepara-se para tomar as mais enérgicas resoluções, respondendo por essa forma ao pouco cuidado que aos governantes tem merecido as suas reclamações. Sobretudo um dos factos que mais o indigna é a atitude de represália o vingança que alguns engenheiros tomaram para com

os afastados, propondo a demissão do grande parte deles sob o injustificável pretexto de terem cometido actos de rebeldia contra camaradas seus, quando os actos que supostamente lhe são atribuídos, não se produziram em serviço ou no recinto dos Caminhos de Ferro.

Trata-se pois duma miserável vingança, exercida por indivíduos desautorizados, que são, na sua maioria, os responsáveis pelo descalabro a que os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste chegaram.

São 37 os ferroviários que ilegalmente se encontram ainda fora dos serviços, estando atingidos pela ameaça da demissão, grande parte deles, quando o governo do há muito devia ter feito cessar a situação desses homens, mandando-os reconduzir aos seus lugares e liquidando-lhes integralmente os seus vencimentos, porque cousa alguma justifica a situação que lhes criaram.

Ao mesmo tempo a ameaça da venda dos Caminhos de Ferro a

Companhia Portuguesa, agrava a situação, porquanto, não se justificando tal tentativa como medida de ordem financeira, ela constitui um crime contra o qual o pessoal tem o direito de se opor. Como complemento, os ferroviários do Sul e Sueste, como de resto os do Minho e Douro, debatem-se numa verdadeira situação de miséria que os asfixia e reduz à pior das contingências, encontrando pela frente a oposição dum ditador que se arvorou em dono de tudo aquilo e que sistemáticamente se compraz em impedir que a situação do pessoal melhore.

E' pois para tomarem resoluções sobre tam transcendentes assuntos, que os ferroviários do Sul e Sueste vão reunir depois de amanhã no Barreiro, devendo essas resoluções constituir um aviso ao governo, se este não quiser a tempo e horas impedir um novo conflito, atendendo prontamente as justas pretensões do pessoal ferroviário.

## A CONCENTRAÇÃO ECONOMICA representa a impossibilidade da sociedade anarquista

Assim o entende J. Carlos Rates, ao mesmo tempo que considera essa concentração como a melhor garantia da possibilidade do sistema comunista

Custa-nos, confessamo-lo, ter de escrever este artigo. As discussões na imprensa são tão ácidas quanto os que se travam nos pontos concretos apresentados. Ora eu tenho a queixar-me de que Carlos Rates não queira escrever a respeito dos meus artigos, discutindo-os, preferindo responder a coisas que eu posso pensar de que aquilo que eu escrevo. Isto é um mau processo de discutir e força-me a ter de, sem que isto signifique menos consideração pessoal, deixar de responder a um ataque que não pode atingir-me a mim mas as pessoas que tenham as ideias que Carlos Rates me atribue e eu não exprijo.

Tenho presente o artigo de *Comunista* do dia 2. Começa Rates por dizer que eu dum maneira indirecta respondo ao seu artigo do dia 19 de Janeiro. Ora a verdade é que esse artigo não é uma resposta mas a continuação ou complemento do artigo que eu havia escrito antes. E tanto não era uma resposta que neste segundo artigo eu prometa dar essa resposta.

Para que fez Rates esta afirmação? Para poder a seguir dizer triunfantemente: «Sentimos ter de dizer que Campos Lima não contestou, não destruiu a nossa argumentação, nem a fez referencial». Nem a tinha que fazer visto que eu não estava respondendo a Carlos Rates.

Depois Rates, em seguida a uma afirmação sobre a força do sindicalismo em Portugal, diz: «o sindicalismo será um sólido apoio para a Revolução, a reserva indispensável, mas não o batalhão de assalto». E não é a força principal porque uma parte da população portuguesa não é sindicalizável. Ficamos assim sabendo que a ditadura do proletariado será feita principalmente por elementos não sindicados e não sindicalizados. Não é que se recuara o batalhão de assalto. Depois diz-me amavelmente: «A Revolução russa, meu caro Campos Lima, tem seis anos de experiência e a sua não tem um dia só». Isto precisa de ser deslindado. Não sei se Rates se refere

à minha afirmação de que nos países onde o sindicalismo for uma força, o regime que se estabelecer não sofrerá a influência da superstição libertária, se refere à própria sociedade libertária, à organização comunista livre. Crêmos ser a esta última que se refere e assim respondemos.

A Revolução russa tem seis anos de experiência? É verdade. E essa experiência tem levado os revolucionários russos a modificar muitos dos seus pontos de vista quanto à acção a exercer, aos métodos a empregar, e nenhum deles a apresenta como tendo conseguido realizar o seu objectivo — a completa emancipação e libertação do individuo.

Como exemplo pois do máximo que se pode obter em beneficio a favor do povo não pode dizer-se que seja a última das maravilhas. A própria Revolução russa, com a sua experiência, nos serve para evitar os perigos que para a liberdade e progresso económico podem

advir uma excessiva concentração do poder político.

Quanto à experiência libertária remetemos Carlos Rates para a vasta bibliografia que há sobre o assunto. Leia o que se tem escrito sobre as comunas primitivas que existiram não um só dia mas séculos inteiros; aprecie todo o movimento social da Idade Média das cidades livres, onde não havia um senhor feudal e se ligavam por federações; estude em vários países as revivências comunistas, mesmo as que existem ainda em Portugal. Se quiser alguma coisa mais recente tome conhecimento com a organização das comunas libertárias do Cáucaso na própria Rússia, instituídas durante a revolução de 1905 e que tiveram uma duração de uns seis meses, mesmo já depois de sufocada a revolução, porque pela sua situação nas montanhas souberam aproveitar o seu isolamento para manterem o seu sistema social.

Da experiência libertária até hoje nada pode concluir-se em seu desabono. E tudo indica que no dia em que ela possa generalizar-se a grandes regiões, ela dará todos os resultados e benefícios que os anarquistas lhe atribuem.

Se na Rússia bolchevista isso não foi possível, foi exactamente porque a concentração do poder político o impediu. Se assim não tivesse sucedido a experiência libertária na Rússia teria também os mesmos seis anos de experiência bolchevista.

Em seguida Carlos Rates entende que o livre federalismo económico que eu defendo, se trata dum organização especial de pequenos grupos de produção e esmaça-me com o argumento da concentração industrial que impedirá tal organização de sociedade libertária. Para mim a célula económica é a comuna não o grupo produtor, e não a comuna isolada mas fazendo parte dum organização federal. As grandes indústrias e os serviços de carácter mais geral, serão atribuídos à federação.

O que é curioso é que Carlos Rates não volta o argumento contra ele próprio, concluindo que dada a nenhuma concentração da indústria da Agricultura, que ocupa a maior parte do solo, será impraticável o seu regime político-económico. A mim é que o argumento me não pode servir porque não tenho dos factos a concepção simplista que me quer atribuir. Acusa-me de fazer um comunismo moldado na minha imaginação e não deduzido de factos económicos, não tendo assim em conta as realidades. Ora a verdade é que Carlos Rates compeçou o seu artigo por transcrever palavras minhas, que ajudou e em que eu dou bem a prova que me preocupou com as realidades e me não deixo suggestionar com fantasias.

É impossível então a sociedade libertária? Mas porque a definição Lênine como objectivo final do bolchevismo? Não se dá então o caso de estarmos apenas divididos por uma questão de processos mas pelos próprios objectivos? A moeda, o salário, a autoridade, a divisão do solo são pontos de vista doutrinaários dos comunistas, ou são apenas, como até aqui julgávamos, circunstâncias que não podem por enquanto remover, mas que condenam à face dos princípios? E se é assim porque condenar por utopistas os que defendem a organização libertária sem aliar-lhes marcar prazo para o seu estabelecimento? Condenar-nos não é condenar a própria doutrina de Lênine e dos seus companheiros da Revolução Russa, no que diz respeito ao objectivo final dessa revolução?

Campos LIMA

## Os filhos dos marítimos de Cezimbra

Um apêlo à solidariedade operária

O apêlo que aqui ontem fizemos ao proletariado para acorrer em auxílio dos marítimos de Cezimbra que há tempo se encontram em luta contra a ganância e a tirania dos armadores foi sentido por muitas pessoas. Já recebemos várias cartas e já fomos procurados por vários camaradas que se propõem a tomar conta de filhos dos marítimos enquanto durar o movimento. Trata-se dum belo gesto de solidariedade, dessa solidariedade que é a arma mais nobre e mais forte que o proletariado pode empunhar contra a sordida

## A TUBERCULOSE E A SUA CIURA

O que nos diz o dr. sr. Alberto de Sousa, director do Sanatório Carlos Vasconcelos Porto

A entrevista que o eminente clínico dr. Fausto Lopo de Carvalho concedeu a *A Tarde* e que em «eco» era comentada por *A Batalha*, despertou em nós o desejo de transmitir aos leitores o que de mais interessante e elucidativo, sobre o terrível flagelo — a tuberculose — nos comunicou o illustre director do Sanatório Carlos Vasconcelos Porto, dr. Alberto de Sousa, quer sobre as suas principais causas, quer sobre a forma de a debelar.

Merece de dois factores, a tuberculose é, entre nós, a doença crónica que maior número de pessoas dizima. Todavia segundo uma das mais consagradas suadades, Grancher, é das enfermidades crónicas a mais curável, bastando que para o efeito se proporcionem os meios de consecução.

A tuberculose, segundo a mentalidade da grande maioria dos nossos contemporâneos é a enfermidade excelsa, sofrendo a repulsa dos sádios que por um receio de contágio lhe votam um ostracismo que lança os contagiados no nostálgico campo do isolamento!

Como em pleno século XVI, as vítimas do bacilo que o sábio Koch descobriu revolucionou o mundo científico, exceptuando o auxílio prodigioso pela ciência vivem uma existência de sofrimento espiritual, aliada ou não a menor sofrimento físico.

Outro «era» a influência religiosa predominante sobre os povos que obstando pretenciosamente aos progressos da ciência, contrapunha ao seu poder de investigação e análise a mentecapta superstição do seu poder misterioso.

Então as vítimas de doenças infecciosas eram tomadas como agentes satânicos e sobre elas pesava a dura severidade da turba ensandecida, que as exterminava impiedosamente.

Hoje o facto não se observa com o mesmo aspecto, embora subsista a superstição, illis muitas vezes dum natural receio de se verem contaminados pela doença.

Urge que as autoridades científicas

iniciem um movimento, cujo fim ponha termo a este estado inquietador de espirito; movimento que denunciando as determinantes do flagelo prodigialize aos enfermos um maior carinho, portido é claro do principio de preservar os sádios de todo e qualquer perigo, por uma rigorosa profilaxia.

Por todas estas razões e ainda porque os interessados pela *Tarde* é uma das maiores esperanças para a cura da tuberculose tudo quanto sobre esta se liga é pouco para preparar um ambiente de defesa contra tam pertinaz doença.

Justifica-se assim que só agora se omnique as judiciosas opiniões do dr. Alberto de Sousa, expostas há meses quando vivemos o admirável convívio em este illustre facultativo.

O que o dr. Lopo de Carvalho não disse, por razões que não tentamos desvendiar, sobre os motivos da intensidade da mortandade pela tuberculose li-lo aquêlle clínico com um desassombro invulgar.

Foi no consultório do Sanatório de S. Braz de Alportel que a entrevista se effectuou, logo após uma sessão de pontas de fogo...

— V. Ex.<sup>a</sup> reconhece a tuberculose como uma doença curável? pergunta-nos incoerentemente.

— Sim! Mas não em todos os casos, como se pode inferir da elasticidade da pergunta. Quando seja possível precocemente formar o diagnóstico a tuberculose, dispondo-se dos meios convenientes cura-se com mais facilidade que algumas enfermidades de inferior nomeada. «Porém, alguns casos de mortandade são por virtude da insuficiência anatômica, da falta de assistência sanatorial, das péssimas condições climatéricas, higiénicas, e do engano do tratamento.

— Crê então V. Ex.<sup>a</sup> que providas estas necessidades a mortalidade decresça? — arriscámos discretamente.

— Evidentemente. Quando seja possível assistir a todos os tuberculosos facilitando-lhe os meios de cura pelos mo-

dermos processos de tratamento a tuberculose será apenas uma doença vulgar, já isenta deste carácter terrífico que tantas cristuras apavoram. Também é mister que se doente seja feito um exacto diagnóstico, atalando-se a doença que de verdade possua, e não outra suposta.

«Quantas vezes por uma errada conclusão da auscultação se diagnostica uma enfermidade inverosímil! E todavia o paciente, crente na opinião do clínico, alimenta as melhores esperanças, no tratamento que desaparecem quando outro médico contradiz o seu colega, diagnosticando com exactidão. Enquanto isto decorre o bacilo de Koch — quando tuberculose — na sua íngrata missão vai tornando menos curta a existência da vítima.»

— Mas não há casos de tuberculose hereditária, quasi incuráveis? inquirimos.

Um sorriso aflorou ao rosto do nosso interlocutor que nos respondeu:

— E' um erro supor-se que se nasce tuberculoso. Os descendentes de tuberculosos veem é certo a teste mundo imperfeito, com predisposição para aquella enfermidade. Mas se conseguem evitar essa existência não muito pesada, fora da labuta brutal e violenta vivem sem necessidade de tratamento antituberculoso. Para estes é forçoso «proporcionar-se-lhe uma vida moderada, no ponto de vista da profissão.»

— E como entende o doutor a formula mais pratica de combater a tuberculose? Sabida como é que as principais causas desta enfermidade consistem nas condições miseráveis nos pontos de vista alimentar, higiénico e de salubridade da população urbana e de certo ponto rural também, melhorando-as atenuar-se-iam os seus perniciosos efeitos. Para combater estes, o Estado em todas as regiões com vantagens climatéricas, frias! Sanatórios absolutamente gratuitos: facilitativos a todos os necessitados que só teriam alta quando completamente curados.

— Mas o Estado tem criada uma Co-



LER AMANHÃ  
SUPLEMENTO DE A BATALHA  
Arte • Literatura  
Sociologia • Crítica

### SUMÁRIO

- A condenação da justiça e dos seus órgãos pelo sub-director da Penitenciária de Lisboa, dr. sr. Rodolfo Xavier da Silva.
- Teófilo Braga — Anedotas, ditos e pormenores da sua vida por C. P.
- O anarquismo e o sindicalismo na sociedade futura pelo dr. Campos Lima.
- A crise das sociedades modernas pelo dr. Carneiro de Moura.
- Pró-cultura operária — Uma escola de militantes, entusiástica adesão do dr. Ladislau Pícarra.
- A falência do intelectualismo por Clemente Vieira dos Santos.
- A pedra preciosa e a pedra de carvão (simbolismo) soneto de Bento Faria.
- Não matarás — trágico-lirica por César Porto (continuação dos números anteriores).
- O que todos devem saber... Secção de conhecimentos úteis.
- Chico, Zecás & C.<sup>a</sup> — Página infantil (com muita gravura).
- Renda barata... e Fastio de morte caricaturas de Stuart Carvalhais.
- Fotografia artistica — Um poente no Tejo — Clíche de António dos Santos.
- Nota de arte — O verão da vida, escultura de Champelli.

O «Suplemento Literário e Ilustrado de A BATALHA», que se publica todas as segundas-feiras, impõe-se pelo carácter insuamente educativo que preside a todas as suas secções pela índole revolucionária da sua escolha da colaboração

